



Pranchas de comunicação suplementar e alternativa do ponto de vista do usuário, da família e dos profissionais da área de fonoaudiologia

Aluno: **Josué Huang**

Orientador: a: Lucia Reily

Bolsista PIBIC, curso de Fonoaudiologia, FCM-UNICAMP

Introdução

Este estudo pretendeu abordar a comunicação suplementar e alternativa (CSA), como é usada por Fonoaudiólogos, pelos usuários e seus familiares. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas para mostrar a dimensão dos conhecimentos de CSA do ponto de vista da Fonoaudiologia, da família e do usuário. O trabalho busca evidenciar como esse sistema de linguagem e comunicação veio para contribuir para o desenvolvimento da linguagem de quem utiliza sistemas de CSA, ao trazer uma melhora no meio onde o deficiente convive nas suas relações sociais, e na participação em diversas atividades; a CSA promove a possibilidade inclusive de o deficiente não falante defender seus direitos e participar de discussões na sociedade. Ao confrontar as falas dos terapeutas e da família com as dos usuários, buscamos ampliar o conhecimento sobre CSA considerando vários pontos de vista, para mostrar o que os envolvidos têm em comum e de diverso. A contribuição maior deste trabalho é a de dar voz ao usuário, havendo poucos relatos sobre como eles vêem esse sistema do qual se apropriaram, intermediados por profissionais de Fonoaudiologia e terapia ocupacional, contando também com o apoio da família.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que buscou investigar práticas de comunicação, por meio de entrevistas com usuários que usam sistema de linguagem CSA, bem como os profissionais da área de fonoaudiologia que atuam com esses usuários e a família destes. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo CEP/Unicamp sob nº 227/2008.

Os sujeitos foram convidados a participar da entrevista por e-mail, inicialmente, pois vários jovens que utilizam CSA utilizam tecnologia assistiva para acessar o computador e a internet. Também houve consulta intermediada pelos fonoaudiólogos que ainda desenvolvem trabalhos clínicos com eles, passando pela mãe ou responsável, para detalhamento dos objetivos da pesquisa.

Esta pesquisa foi realizada com base em fontes orais coletadas em entrevistas semi-estruturada com aproximadamente 1 hora a 1 hora e 30 minutos de duração. As entrevistas foram realizadas com 2 adultos jovens com paralisia cerebral (um rapaz e uma moça), com comprometimento motor global severo, sem fala, que se comunicam por meio de sistemas CSA (utilizando o sistema Bliss e/ou PCS) duas fonoaudiólogas especializadas em CSA que atuam ou atuaram com os usuários de CSA selecionados para as entrevistas, com a mãe da usuária, pois a mãe do rapaz veio a falecer durante o período da pesquisa.

Foi realizada gravação em áudio (no caso dos familiares e fonoaudiólogos) e em vídeo digital das entrevistas com os usuários deficientes para coleta de dados e posterior análise dos mesmos.

Resultados – Dados da entrevista

O que o usuário vê primeiro, a legenda ou imagem?

"Eu não fazia leitura, ia pela imagem." (S)

"A palavra" (legenda primeiro depois a figura) (M)

Quanto à criação de novos símbolos, no qual o usuário criou por necessidade própria.

M. Lembrou da criação do símbolo namorado/namorada, feita aqui no Brasil. Assim temos trecho abaixo para exemplificar.

"M. olha para a fono H, fazendo um som "Ähn" e olha para a prancha. H aponta na prancha. E M. balança a cabeça positivamente e olha para H que logo em seguida ri e diz:

H: - Mas esse símbolo tem história né? Né, esse símbolo foi criado!

M: - Balança a cabeça dizendo que sim.

H: - No sistema Bliss não tinha símbolo nomeando namorado (a). E aí eles implantaram e agora integra o dicionário original do Bliss. Foi criado no Brasil. E o mais namorado (referindo-se a M.) já tem ele incluso na prancha."

Quanto ao sentido valorativo atribuído à Comunicação alternativa.

"O símbolo é a minha boca. Eu posso até sair sem minha prancha fica faltando um pedaço de mim. Com a prancha é mais fácil por isso ela faz parte de mim." (S)

Por essa fala percebemos o quanto é importante para quem usa, mas também para que outros possam se comunicar com eles, entender o que eles querem falar, propor, expor, e expressar seus sentimentos.

Quanto ao alfabeto e a alfabetização.

"Quando S. estava sendo alfabetizada ela soletrava aqui, apontava letra por letra, mesmo que eu já soubesse antes o que ela queria dizer, eu esperava ela escrever tudo. E a partir daí eu corrigia, palavras que são com s, dois s, ç, aí eu espero ela escrever tudo para ver se está escrevendo corretamente e a gente pode ensinar." (mãe de S).

A comunicação com o alfabeto.

"Em qualquer lugar, aonde for pela casa você vai encontrar um alfabeto. Aí tem em casa, na tia, porque a prancha não, só tem essa. Então quando S sai a gente leva a prancha. Dentro da piscina também tem, está plastificado, teve um que a gente fez um furinho e colocou na escada da piscina." (Mãe de S)

Quanto aos interlocutores

Familiares:

"Em nenhum momento teve dificuldade no sentido da família aceitar". "Foi fácil por eles compreenderem, já entendiam o jeito que S se comunicava, o SIM o NÃO alguns gestos dela, isso só veio a facilitar." "O pai tem mais dificuldade, mas principalmente que estão com as letras menores, então ele acha mais fácil com o alfabeto." (mãe de S)

Desconhecidos

"Algumas pessoas acham que por ter a prancha elas apontam os símbolos para falar com ela, aí agente explica que pode falar direto com ela sem usar os símbolos que S entende e ouve." (mãe de S)

Colegas; amigos e professores

"Foi muito legal, porque os alunos querem aprender a se comunicar comigo." (M)

"E o pessoal da faculdade metia a mão, carregava ele para cima e para baixo, porque eles não tinham compromisso. E terapeuta já não, ninguém coloca a mão." (H. fonoaudióloga de M)

Quanto à resistência e a expectativa da fala aparecer.

"E quando a fonoaudióloga falou que ia iniciar o trabalho com comunicação alternativa e tudo que ela podia auxiliar, fiz a pergunta que todas as mães fazem: Ela não vai falar?... Então eu tinha um pouco de resistência, mas ao mesmo tempo nunca deixei minha resistência impedissem que as coisas acontecessem de forma natural" (mãe de S.)

"... a maior dificuldade é da própria família, que o desejo quando leva para a fono é que volte a falar ou que fale. E aceitar comunicação alternativa." (R. fonoaudióloga)

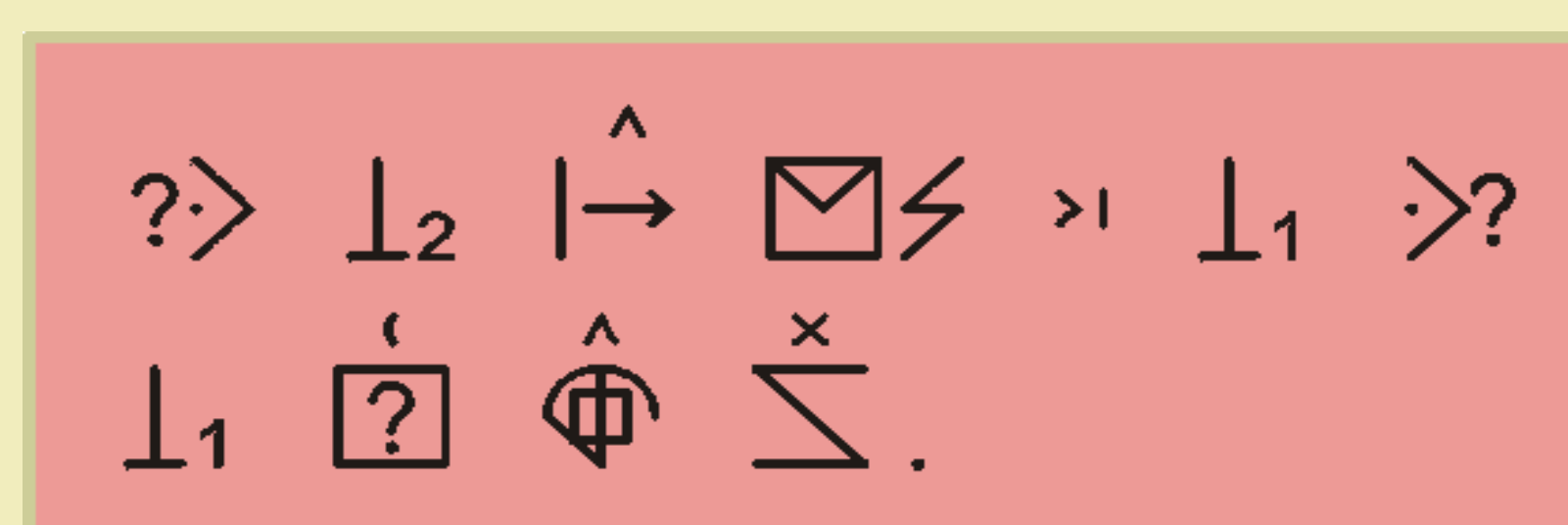
Quanto à formação nos cursos de Fonoaudiologia e a CSA

"Vejo no congresso de fono, foi maciça a presença de fonoaudiólogos estudantes para assistir essas mesas de discussão de avaliação, tratamento de linguagem de paciente que não tem oralidade porque não tem na formação." (H. fonoaudióloga)

"Eu vejo que a formação, ela é muito precária ou inexistente na formação do fonoaudiólogo na graduação. Primeiro que a gente tem que levar em conta que a graduação em fonoaudiologia está aí sofrendo várias modificações," (R. fonoaudióloga)

Portanto temos aqui alguns aspectos que foram vistos e listados pelos usuários bem como seus familiares e profissionais de

EXMPLO DE FRASE EM BLISS



Se você me mandar um email, eu te respondo usando o Sistema Bliss

Reflexões a partir das entrevistas com os usuários, familiares e fonoaudiólogas que atuam com CSA

Para o usuário, o significado do CSA vai muito além do simples falar. A CSA é também de grande importância para os familiares, já que é por meio desta que ambos se comunicam, conversam, ensinam e dão conselhos.

A participação da família desde o início do processo é muito importante, apesar das resistências que possam aparecer durante esse processo, bem como no aprender e integrar os recursos da comunicação alternativa no ambiente familiar e na sociedade.

Como a fonoaudióloga RV disse, quando a família procura o fonoaudiólogo, a primeira questão levantada é "Ele(a) vai falar?". Então é preciso explicar com cuidado e de forma clara que vai depender de cada caso. Somente depois de elaborar as dúvidas é que se explica como vai funcionar a comunicação alternativa.

Para reforçar essa ideia temos um estudo de Deliberato, Manzini e Guarda (2004) no qual o resultado destaca a importância de inserir a família no processo de avaliação inicial do vocabulário e os aspectos de comunicação que deverão ser orientados para seleção e implementação de recursos alternativos e/ou suplementares de comunicação.

A comunicação suplementar e alternativa (CSA) pode ser utilizada de várias maneiras, com pacientes diferentes, não só com pessoas com paralisia cerebral, mas também com pessoas que sofreram de Acidente Vascular Cerebral (AVC) que afetou a fala (afásicos), e que, por algum motivo, tenham um atraso muito grande na linguagem oral ou que esta esteja comprometida demais no aspecto da linguagem oral, mesmo que ela seja ouvinte.

RV mostra que é possível também trabalhar de diversas maneiras, incluindo gestos idiossincráticos que uma criança já possui, junto com os signos gráficos para criar uma forma adequada na qual o usuário possa se sentir confortável para utilizar os meios que são mais apropriados conforme o que ele quer dizer e conforme os interlocutores em questão, ao se relacionar com os familiares, com pessoas na escola ou na sociedade de forma geral. Assim, ele pode interagir para poder compreender, aprender e ser compreendido.

Para HP, o trabalho é totalmente individual: é realizada uma primeira avaliação de linguagem e os caminhos são estabelecidos dentro da perspectiva da linguagem. Após isso, ela introduz os símbolos gráficos e aos poucos eles vão tentando trazer à língua a fala do paciente.

O sistema de comunicação pode ser um suporte, apoio ou o paciente pode depender totalmente do sistema. Ela enfatiza o processo terapêutico individual. Um exemplo é que na afasia, esse sistema de comunicação pode ser um dissipador da evocação da fala ou mesmo um reestruturador e/ou organizador da linguagem.

Segundo Deliberato e Manzini 1997 e Nunes 2003 a escolha dos recursos e estratégias a serem utilizadas devem ser vistos cuidadosamente e em conjunto com a participação da família e da escola para poder garantir uma implementação eficaz desses recursos e estratégias garantindo e efetividade da comunicação do usuário e sua interação em diferentes ambientes.

Referências bibliográficas

DELIBERATO, D.; MANZINI, E. J. *Comunicação Alternativa: delineamento inicial para implementação do Picture Communication System (P.C.S.)*. Boletim do C.O.E.. Marília, nº 2, p. 29-39, 1997.

DELIBERATO, D.; MANZINI, E. J.; GUARDA, N. S. (2004). *A implementação de recursos suplementares de comunicação: participação da família na descrição de comportamentos comunicativos dos filhos*. Revista Brasileira de Educação Especial. v. 10, n.2, p.199-220, Marília.

NUNES, L. R. O de P. Modelos teóricos na comunicação alternativa e ampliada. In: NUNES, L. R. d'O de P. (Orgs.). *Comunicação alternativa – favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais*. Rio de Janeiro: Dunya, 2003. p. 15-48.